

AMOSTRAGEM E SATURAÇÃO EM PESQUISA QUALITATIVA: CONSENSOS E CONTROVÉRSIAS

SAMPLING AND SATURATION IN QUALITATIVE RESEARCH: CONSENSUSES AND CONTROVERSIES

Maria Cecília de Souza Minayo¹

Resumo: Este ensaio sobre amostragem em pesquisa qualitativa e sobre o conceito de *saturação* discute as seguintes questões: em que medida as interlocuções individuais que se obtêm no campo podem ser entendidas como revelações do grupo e permitir inferências sobre ele? Quais seriam as precondições para uma amostra suficiente e fidedigna? Num projeto, deve-se colocar previamente o número de pessoas a serem entrevistadas e um tempo determinado para a observação de campo? Quantas entrevistas e quanto tempo de observação são necessários para um bom trabalho de campo? Quando se deve parar de buscar mais dados? As respostas são balizadas na literatura e na experiência pessoal da autora, mostrando que a quantificação *a priori* foge à lógica que preside os estudos qualitativos.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa; Estudos qualitativos; Amostragem; Saturação.

Abstract: This essay on sampling in qualitative research and on the concept of saturation discusses the following questions: To what extent individual interlocutions obtained in the field can be understood as revelations of the group and allow inferences about it? What would be the preconditions for a sufficient and reliable sample? In a project, should the number of people to be interviewed and the time for field observation be established previously? How many interviews and how much observation time are needed for a good fieldwork? When should the search for more data be discontinued? The responses are based on the specific literature and on the personal experience of the author, showing that, in principle, quantification escapes the logic of qualitative studies.

Keywords: Qualitative research; Qualitative studies; Sampling; Saturation.

1 Introdução

Este artigo constitui-se num ensaio reflexivo sobre amostragem e sobre o conceito de saturação no âmbito da pesquisa qualitativa. Para isso, valho-me da literatura nacional e internacional sobre o tema, assim como de minha experiência pessoal ao lidar com pesquisas empíricas e com avaliação de trabalhos que utilizam abordagens compreensivas. No texto, refiro-me apenas ao caso das pesquisas empíricas que incluem alguma forma de interlocução com atores sociais (por exemplo, por meio de entrevistas abertas, semiestruturadas, projetivas ou informais; grupos focais; painéis e outros) e observação de campo. Trato dos seguintes pontos: uso e controvérsias a

¹ Doutora em saúde pública pela Escola Nacional de Saúde Pública (Fiocruz). Pesquisadora titular da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Email: maminayo@terra.com.br

respeito dos conceitos de amostragem e saturação; exemplos de utilização desses termos; e algumas considerações a partir da experiência e da literatura.

Questões sobre amostragem são das mais recorrentes em pesquisa qualitativa. Tanto quem trabalha com o tema como os que o estranham querem saber até que ponto uma quantidade pequena de entrevistas, realizada com um grupo restrito e delimitado, assim como a própria forma intersubjetiva de atuação do pesquisador em campo, podem ser considerados científicos. O parâmetro para esses questionamentos são as regras da ciência hegemônica cujos cálculos estatísticos e os procedimentos a eles inerentes são considerados os meios corretos e fidedignos de verificação e de busca da verdade (MARTIN-SALGADO, 2012). O tema da amostragem é realmente muito importante porque a ele está vinculada a credibilidade metodológica de uma investigação (BERTAUX, 1981; CRESSWELL, 1998; MORSE, 2000, 2008; MINAYO, 2012, 2015).

Para iniciar esta conversa ressalto três pressupostos. O primeiro é que pesquisas qualitativas e quantitativas se complementam, mas são de natureza diversa. Uma trata da magnitude dos fenômenos, a outra, da sua intensidade. Uma busca aquilo que se repete e pode ser tratado em sua homogeneidade, a outra, as singularidades e os significados. Sobre esse primeiro aspecto, é importante ouvir observações como as de Kant (1980) em sua *Matemática Transcendental*, quando diz que todo fenômeno possui *magnitude*, ou seja, aspectos que se repetem e podem ser contados (quantidade); e *intensidade*, aspectos que o tornam específico (qualidade). Quantidade e qualidade se sintetizam no objeto. O segundo pressuposto é que a pesquisa qualitativa, usando-se a linguagem de Kant, busca a “intensidade do fenômeno”, ou seja, trabalha muito menos preocupada com os aspectos que se repetem e muito mais atenta com sua dimensão sociocultural que se expressa por meio de crenças, valores, opiniões, representações, formas de relação, simbologias, usos, costumes, comportamentos e práticas. O terceiro aspecto é que, ao reconhecer sua distinção em relação aos métodos quantitativos, a abordagem qualitativa não está isenta de parâmetros e normas que possam dar-lhe status de cientificidade (ONWUEGBUZIE; LEECH, 2007).

2 Uso e controvérsias do conceito de amostragem e da noção de saturação

Apresento, a seguir, algumas perguntas que subjazem às mais comuns indagações dos pesquisadores, particularmente aos principiantes e aos que vêm de outras tradições metodológicas, a respeito de amostragem em pesquisa qualitativa.

- Em que medida as interlocuções individuais que se obtêm no campo podem ser entendidas como revelações do grupo, permitindo, portanto inferências sobre ele?
- Quais seriam as condições para se garantir uma amostra suficiente e fidedigna?
- No projeto de investigação, deve-se colocar previamente um número de pessoas a serem entrevistadas e um tempo para a observação de campo?
- Quantas entrevistas e quanto tempo de observação são necessários para um bom trabalho de campo?
- Quando se deve parar de buscar mais dados?

Sobre o primeiro ponto que trata da representatividade da enunciação individual para o coletivo, há várias respostas possíveis, mas me apoio na contribuição de três autores. Em primeiro lugar, trago a palavra de Gadamer (2008) quando ressalta, em sua hermenêutica filosófica, uma dialética entre o grupo e o indivíduo. Segundo o autor, cada individualidade é manifestação do viver total embora não seja a totalidade do viver. Nesse sentido, a fala de cada um deve ser valorizada, mas não de forma absoluta, uma vez que o sujeito não se esgota na conjuntura em que vive e nem sua ação e pensamento são meros frutos de sua vontade, personalidade e desejo. Sua narrativa precisa ser balizada pelo pensamento do outros, pois é também reveladora do grupo em que está inserido e de seu tempo histórico onde sua singularidade está entranhada de cultura. Um segundo autor de importância nesse caso é Bourdieu (1983) quando desenvolve a noção de *habitus* como um dispositivo que auxilia a pensar as características de uma experiência biográfica a partir de uma identidade social que orienta o indivíduo, ora consciente ora inconscientemente. O indivíduo se apresenta como uma síntese complexa de seu contexto sócio-histórico, dotado, portanto de uma interioridade e de uma configuração social exterior a ele. O terceiro autor de importância é Norbert Elias que também trabalha com a noção de *habitus* numa abordagem configuracional (ELIAS, 1994), em que a sociedade e os grupos são vistos como espaços de interações e de redes intercomunicantes. As relações entre os indivíduos ocorrem sempre de maneira interdependente, ou seja, conformando

identidades pessoais e sociais. Desta forma uma entrevista com alguém de um grupo é, ao mesmo tempo, um depoimento pessoal e coletivo. No mesmo sentido e de forma operacional, Romney, Batchelder e Weller (1986) falam de um modelo de consenso cultural para estudos etnográficos, o que permite um número finito de entrevistas e observações. Desta forma, a resposta para a indagação inicial é positiva: as informações prestadas por pessoas implicadas num tema de pesquisa podem representar o conjunto quando determinadas precondições forem observadas.

Respondendo à segunda indagação, ressalto que a amostra de uma pesquisa qualitativa deve estar vinculada à dimensão do objeto (ou da pergunta) que, por sua vez, se articula com a escolha do grupo ou dos grupos a serem entrevistados e acompanhados por observação participante. Espero contribuir com o leitor, comentando que a amostra não é um elemento solto no conjunto da proposta qualitativa, e assinalo aqui um pequeno decálogo de recomendações que, na minha experiência, deveriam cercar esse momento de construção do objeto: (1) dar atenção à elaboração de instrumentos que permitam compreender as homogeneidades e as diferenciações internas do grupo ou dos grupos a serem pesquisados; (2) assegurar que a escolha do local e do grupo (ou dos grupos) para observação e troca de informações contemple o conjunto das características, experiências e expressões que o pesquisador pretende objetivar com seu estudo; (3) privilegiar, na amostra, os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer; (4) definir claramente o grupo social mais relevante, no caso de se trabalhar com vários subconjuntos: é sobre ele que o pesquisador deve concentrar grande parte de seus esforços; (5) dar atenção, também, a todos os outros grupos que interagem com o principal, buscando compreender o papel de cada um em suas interações, interconexões e influências mútuas; (6) trabalhar numa perspectiva de inclusão progressiva das descobertas do campo, confrontando-as com as teorias que demarcam o objeto; (7) nunca desprezar informações ímpares, que se destacam e não são repetidas, cujo potencial explicativo é importante para a descoberta da lógica interna do grupo estudado; (8) considerar um número suficiente de interlocutores que propicie reincidência e complementaridade das informações; (9) certificar-se de que o quadro empírico da pesquisa esteja mapeado e compreendido; (10) sempre que possível, prever uma triangulação de técnicas e até de métodos. Isto é, em lugar de se restringir a apenas uma fonte de dados, multiplicar as tentativas de aproximação.

A atenção aos pontos citados nesse pequeno decálogo são muito mais relevantes que as outras indagações que estão na lista de perguntas assinaladas acima, embora elas constituam preocupações muito comuns dos que trabalham com pesquisa qualitativa. Desse ponto de vista, elas são importantes e dizem respeito a uma noção bastante usada e controversa na pesquisa qualitativa, a de *saturação*.

Saturação é um termo criado por Glaser e Strauss (1967) para se referirem a um momento no trabalho de campo em que a coleta de novos dados não traria mais esclarecimentos para o objeto estudado. Desde que usado pela primeira vez, o termo trouxe uma sensação de praticidade e, ao mesmo tempo desencadeou incontáveis questionamentos (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008). Vários estudiosos têm se pronunciado a respeito sem, contudo, chegarem a uma conclusão decisiva, diferentemente dos que fazem investigações quantitativas em que refinados cálculos estatísticos estabelecem o tamanho ideal da amostra e as possibilidades de expansão dos resultados.

Onwuegbuzie e Nancy L. Leech (2007) consideram que fazer uma amostra de tamanho adequado deve merecer uma atenção especial do pesquisador qualitativo. E refutam os argumentos dos que não consideram o tema relevante. Tratam-no como um construto multidimensional e afirmam que o tamanho da amostra e seu desenho representam um processo ativo de reflexão. No entanto, segundo esses autores, existe uma crença de que cuidar da amostra não seja um ponto importante na pesquisa qualitativa, e citam mais de 1500 textos em que essa concepção aparece. É claro, referem, que nas pesquisas qualitativas, as amostras não devem ser pensadas por quantidade e nem precisam ser sistemáticas. Mas a sua construção precisa envolver uma série de decisões não sobre quantos indivíduos serão ouvidos, mas sobre a abrangência dos atores sociais, da seleção dos participantes e das condições dessa seleção. Esses elementos precisam ficar claros na metodologia de investigação, pois eles interferem na qualidade da investigação.

Charmaz (2006) acena que a extensão do objeto e a complexidade do estudo é que devem orientar o tamanho da amostra, concordando com o que assinalo em *O desafio do Conhecimento* (MINAYO, 2015), sobre o mesmo assunto. Morse (2000) refere, como parâmetros, o escopo da investigação, a natureza do estudo e seu desenho metodológico. Ritchie, Lewis e Elam, (2003) ressaltam que o tamanho da amostra e o ponto de saturação são resultantes da heterogeneidade da população que será pesquisada e aconselha dar-se maior destaque ao grupo principal, no caso de existirem várias

amostras num mesmo estudo. Assinalam também o fato de que frequentemente, o ponto de pausa acaba ocorrendo, não por razões metodológicas, mas nos limites dos recursos disponíveis. A consideração sobre esse último item se deve ao fato de que é muito difícil estabelecer epistemologicamente um momento de corte, uma vez que quanto mais experiente é o pesquisador, a tendência é que ele sempre terá novas perguntas para aprofundar seu trabalho de campo (DEY, 1999; GUEST; BUNCE; JOHNSON, 2006; BERTAUX, 1981; MORSE, 2000; MASON, 2010; MINAYO, 2012, 2015, 2017).

Vários dos pesquisadores aqui citados, muitos dos quais questionam os parâmetros epistemológicos para aplicação do conceito de *saturação*, arriscam-se a propor algum critério quantitativo para a abordagem dos entrevistados em campo. (GUEST; BUNCE; JOHNSON, 2006; MORSE, 2000, 2008; HARVEY, 2000) mencionaram que os trabalhos de etnografia, etnociência e avaliação qualitativa devem contemplar entre 30 a 50 entrevistas. Creswell (1998) fala da mesma quantidade para os estudos de teoria fundamentada. Creswell (1998) e Morse (1994) propõem que as pesquisas de cunho fenomenológico se atenham a no máximo 25 e a no mínimo a cinco entrevistas. Para a pesquisa de histórias de vida, 15 seria um número mínimo aceitável para Bertaux (1981). Em resumo, uma quantidade consensual seria de, pelo menos, 20 a 30 entrevistas para qualquer tipo investigação qualitativa, segundo Morse (1994) e Creswell (1998). Atran, Medin e Ross (2005) falam de no mínimo 10 informantes.

Ora, embora alguns estudiosos queiram se resguardar de um possível questionamento sobre a capacidade de uma pesquisa qualitativa representar a lógica interna de determinado grupo, à primeira vista, determinar um número de entrevistados abstratamente é bastante problemático, dado o caráter de abrangência das interconexões necessárias para a compreensão do objeto. Essa polêmica se agrava quando os pesquisadores não explicam porque, com determinado número de interlocutores ouvidos e observados em campo, eles consideram o assunto saturado, e nem o que essa saturação significa. Por esses e outros motivos, Dey (1999) trata o termo *saturação* como impróprio, pois na verdade não há um ponto de corte nem a priori e nem para finalização do trabalho. Um pesquisador experiente sempre pode puxar mais um fio para aprofundar sua reflexão sobre determinado objeto. Fusch e Ness (2015) ressaltam que “o caminho mais fácil para diferenciar volume e riqueza de dados é pensar em volume como quantidade e riqueza como qualidade. Volume é uma quantidade de dados; riqueza significa camadas intrincadas, detalhadas, nuançadas e mais. Podemos ter um grande volume sem ter grande riqueza; ao contrario, podemos ter uma grande

riqueza retirada de poucos dados. O segredo é ter ambos” (FUSCH; NESS, 2015, p. 1411) buscando ao mesmo tempo quantidade e qualidade na coleta de dados.

No Brasil, determinar o número de interlocutores tem sido uma exigência regular dos comitês de ética em pesquisa na área da saúde, obedecendo à Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde e do Ministério da Saúde, depois substituída pela Resolução no. 466, de 12 de dezembro de 2012. Para ter seu projeto aprovado, os pesquisadores (mesmo os que são absolutamente contra a quantificação *a priori*) são incitados a calcular um montante provável e plausível de participantes dos estudos, levando em conta o escopo de suas investigações. Depois de muitos questionamentos da comunidade científica insurgente contra tal obrigação que consagra a lógica biomédica nos dois dispositivos citados acima, foi aprovada pelo Conselho Nacional de Saúde e pelo Ministério da Saúde, a “Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016 do Ministério da Saúde que trata das especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais e de outras que utilizam metodologias próprias dessas áreas”. Essa resolução foi fruto de um ingente trabalho coletivo de pesquisadores sociais e humanos apoiados por suas respectivas associações e sociedades científicas. Ela leva em consideração as questões tratadas neste artigo e libera a consciência dos pesquisadores, antes constrangidos a agir contra suas convicções epistemológicas. No entanto, ainda não se pode comemorar a mudança, pois a Resolução está encontrando enormes barreiras políticas e institucionais para ser efetivada.

3 Desenho de amostra e efeito de saturação na prática

Coloco em poucas palavras, três exemplos, para tornar mais concreta a discussão do tema em pauta. O primeiro seria o de uma hipotética pesquisa de “Avaliação qualitativa da atenção a crianças abrangidas pela Estratégia Saúde da Família numa comunidade”. Considero que, para esse estudo, a amostra tem que abranger todos os atores que compõem a proposta e precisa dar atenção ao grupo nuclear e a vários subgrupos. O foco principal, onde devem se concentrar as entrevistas e as observações, são as famílias com crianças na faixa etária prevista pelo objeto de investigação. Secundariamente, mas de forma efetiva, devem ser recobertas todas as categorias (gestores, profissionais, agentes de saúde e funcionários administrativos) responsáveis pela aplicação da proposta. Também seria muito elucidativo levantar informações e orientações locais sobre o programa em atividade, e contrastar a atuação e as

terapêuticas oficiais com as informais, ouvindo farmacêuticos, curandeiros e rezadeiras porventura existentes no território e que atendam à população. O processo de trabalho de campo não deve ter uma receita prescritiva. Embora, o máximo de abrangência das ações precise ser antecipadamente previsto, muitos atores sociais importantes costumam ser descobertos no decorrer da pesquisa e se deve promover sua inclusão progressiva na amostragem. Certamente o número de pessoas é menos importante do que o empenho de enxergar todas as possibilidades de se aproximar do objeto empiricamente, prestando-se atenção a todas as suas dimensões e interconexões.

Um segundo exemplo, considera uma pergunta “Sobre a qualidade do vínculo entre profissionais de enfermagem e mães de bebês até dois anos”. Nesse caso, as ramificações dos atores envolvidos são menores do que no exemplo anterior. No entanto, o sentido do termo *vínculo* supõe intersubjetividade e interação. Por isso, mães ou outros cuidadores e cuidadoras formais e informais e enfermeiras(os) devem ser investigados. O foco deve ser nas relações, e não apenas na perspectiva de um dos lados, como frequentemente se encontram em artigos que tratam do assunto, quase sempre privilegiando o ponto de vista do pessoal de enfermagem.

Permito-me uma referência pessoal. Para escrever o livro *De Ferro e Flexíveis* (MINAYO, 2004), entrevistei formalmente 110 pessoas e, informalmente, muito mais. Não porque assim predeterminei, mas porque eu tinha uma pergunta que assim o requeria: “Que mudanças houve na cultura dos trabalhadores da mineração com a privatização da Companhia Vale do Rio Doce?” Dar-lhe resposta significou contemplar os trabalhadores antigos, os que fizeram a transição e os novatos; ouvir as mais diferentes categorias que trabalham desde a dinamitação das rochas até o transporte, a pelotização, a supervisão e a manutenção das máquinas; escutar os diferentes níveis de programadores, gerentes e chefias; e privilegiar homens e mulheres. Secundariamente, foi preciso ouvir os funcionários do setor de recursos humanos da empresa, famílias dos trabalhadores e moradores da cidade. Todos os achados empíricos iam sendo confrontados com uma vasta literatura que, a partir de uma revisão inicial, fui descobrindo e dela me apossando durante e depois do estudo empírico. As questões surgidas no campo me ajudaram a entender as referências teóricas e vice-versa. Caso me perguntem se esgotei todas as possibilidades e se houve uma saturação na compreensão do objeto, direi que não. Mas, tenho certeza de que me aproximei bastante do objeto e consegui mostrar como o tema é complexo. Não encontrei uma visão única sobre o objeto de investigação a que me propus e foi preciso contemplar a diversidade não só no

campo como na análise, levando em conta o tempo de trabalho do entrevistado, o lugar que a pessoa ocupa ou ocupou na empresa, a importância que dá a sua atividade, as expectativas que tem sobre o futuro e sobre sua visão de mundo. Portanto, ao terminar a pesquisa, considero que coloquei um ponto final provisório no assunto, pois deixei em aberto muitas questões que o campo e a literatura me propiciaram. Quem faz pesquisa qualitativa trabalha com a ideia de que ciência se faz por aproximações (BACHELARD, 1990) e de que as investigações seguem e se aprofundam no futuro com ele ou com outros pesquisadores.

4 Algumas considerações finais

Concordo com Onwuegbuzie e Leech (2007) que a questão da amostragem e da saturação em pesquisa qualitativa é um assunto muito sério e merece reflexão e atenção. E também reforço o pensamento de Fusch e Ness (2015) segundo os quais, falhas no processo de saturação têm um impacto negativo na validade dos resultados, embora isso não tenha a ver necessariamente com o tamanho da amostra e dependa do desenho e do escopo do estudo.

Minha experiência tem mostrado que, frequentemente, os pesquisadores qualitativos dão margem a críticas sobre a fragilidade metodológica de seus trabalhos, por vários motivos. Muitos deles, para se “assegurarem” da objetividade de seus dados, recorrem à quantificação *a priori* das informações que querem obter. Alguns, quando apresentam os resultados, o fazem por meio de percentagens, acreditando que assim os tornam fidedignos. Usam a lógica quantitativa no processo e pouco trazem dos significados, da perspectiva dos sujeitos, das relações que estão presentes e das interconexões entre os atores e os fatos. Perdem o sangue e a alma das expressões culturais. Outros tratam o tema da saturação como mero sinônimo do momento em que os discursos previsíveis por meio de roteiros de entrevistas semiestruturadas ficam repetidos, demonstrando pouca ou nenhuma abertura para a complexidade do campo e para os imponderáveis da vida social (MALINOWSKI, 1980).

Considero que o investigador qualitativo deve estar atento à construção de instrumentos e “dicas” que considerem a abrangência da situação que vai estudar. No entanto, muito mais do que a uma mera aplicação desses instrumentos, tenha certeza de que sua presença, sua interlocução, seus estranhamentos e suas indagações passam a ser vivências em intersubjetividade quando estão no campo, gerando um conhecimento

empírico que vai muito além daquilo que ele pergunta. Nesse sentido, pode-se dizer que uma amostra qualitativa ideal é a que reflete, em quantidade e intensidade, as múltiplas dimensões de determinado fenômeno e busca a qualidade das ações e das interações em todo o decorrer do processo.

Em geral, os pesquisadores qualitativos mais experientes não trabalham com o conceito de *saturação* em mente, mas com o propósito de dar corpo a sua pesquisa e torná-la defensável como refere Mason (2010). Por isso, preocupam-se menos com a generalização e as generalidades e mais com o aprofundamento, a abrangência e a diversidade no processo de compreensão, seja de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma política ou de uma representação, colocando esses diferentes aspectos à luz das teorias que fundamentam suas indagações. Seu critério principal não é numérico, embora quase sempre precise justificar a delimitação da multiplicidade das pessoas que vai entrevistar e a dimensão e escolha do espaço.

Por fim, é importante ressaltar que, mesmo quando provisoriamente o investigador prevê um montante de entrevistas e grupos focais ou de outras técnicas de abordagem, essa ideia de provisoriabilidade deve acompanhá-lo durante todo o processo. Pois, não há medida estabelecida *a priori* para o entendimento das homogeneidades, da diversidade e da intensidade das informações necessárias a um adequado trabalho de pesquisa. Igualmente, não existe um ponto de saturação *a priori* definido, e nunca a quantidade de abordagens em campo pode ser uma representação burocrática e formal estabelecida em números. O que precisa prevalecer é a certeza do pesquisador de que, mesmo provisoriamente, encontrou a lógica interna do seu objeto de estudo – que também é sujeito – em todas as suas conexões e interconexões.

Referências

ATRAN, S.; MEDIN, D.L.; ROSS, N. O. The cultural mind: Environmental decision making and cultural modeling within and across populations. **Psychological Review**, Los Angeles, v. 112, n. 4, p. 744-776, 2005.

BACHELARD, G. **Essai sur la connaissance approchée**. 3. ed. Paris: Librairie Philosophique, 1990.

BERTAUX, D. From the life-history approach to the transformation of sociological practice. In: BERTAUX, D. (Ed.). **Biography and society: The life history approach in the social sciences**. London: Sage, 1981. p. 29-45.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 que aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: CNS/MS, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 que revê a Resolução 196/96 e aprova novas diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: CNS/MS, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016 que trata das especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais e em outras áreas que utilizam metodologias próprias dessas áreas. CNS/MS, 2016.

CHARMAZ, K. **Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2006.

CRESWELL, J. **Qualitative inquiry and research design: Choosing among five traditions**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.

DEY, I. **Grounding grounded theory**. San Diego, CA: Academic Press, 1999.

ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994.

FONTANELLA, B. J. B; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008.

FUSCH, P. I.; NESS, L. R. Are we there yet? Data saturation in qualitative research. **The Qualitative Report**, Fort-Lauderdale, v. 20, n. 9, p. 1408-1416, 2015.

GADAMER, H.G. **Verdade e Método**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

GLASER, B.; STRAUSS, A. **The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research**. New York: Aldine Publishing Company, 1967.

GUEST, G.; BUNCE, A.; JOHNSON, L. How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability. **Field Methods**, Thousand Oaks, v. 18, n. 1, p. 59-82, jul. 2006.

HARVEY, B. **Social research methods**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1980.

MALINOWSKI, B. **Os argonautas do Pacífico**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1980.

MARTINEZ-SALGADO, C. El muestreo en investigación cualitativa: principios básicos y algunas controversias. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 13, p. 613-619, 2012.

MASON, M. Sample size and saturation in Phd studies using qualitative interviews. **Forum qualitative social research**, Berlin, v. 11, n. 3, p. 1-19, sep. 2010.

MINAYO, M. C. S. **De ferro e flexíveis marcas do Estado Empresário e da Privatização na Subjetividade Operária**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

- MINAYO, M. C.S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência &Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2015.
- MINAYO, M. C. S. Cientificidade, generalização e divulgação de estudos qualitativos. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 16. 17, 2017.
- MORSE, J. M. Designing funded qualitative research. In: NORMAN, K. D.; YVONNA, S. L. (Eds.). **Handbook of qualitative research**. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994. p. 220-2335.
- MORSE, J. M. Determining sample size. **Qualitative Health Research**, Thousand Oaks, v. 10, n. 1, p. 3-5, jan. 2000.
- MORSE, J. M. Styles of collaboration in qualitative inquiry. **Qualitative Health Research**, Thousand Oaks, v. 18, n. 1, p. 3-4, 2008.
- ONWUEGBUZIE, A. J.; LEECH, N. L. Sampling Designs in Qualitative Research: Making the Sampling Process More Public. **The Qualitative Report**, Fort-Lauderdale, v. 12, n. 2, p. 238-254, 2007.
- RITCHIE, J.; LEWIS, J.; ELAM, G. Designing and selecting samples. In: RITCHIE, J.; LEWIS, J. (Eds.). **Qualitative research practice**. A guide for social science students and researchers. Thousand Oaks, CA: Sage, 2003. p. 77-108.
- ROMNEY, A. K.; BATCHELDER, W.; WELLER, S. C. Culture as consensus: A theory of culture and informant accuracy. **American Anthropologist**, Arlington, v. 88, n. 3, p. 13-38, jun. 1986.

Recebido em/Aceito em: Autor Convidado.